

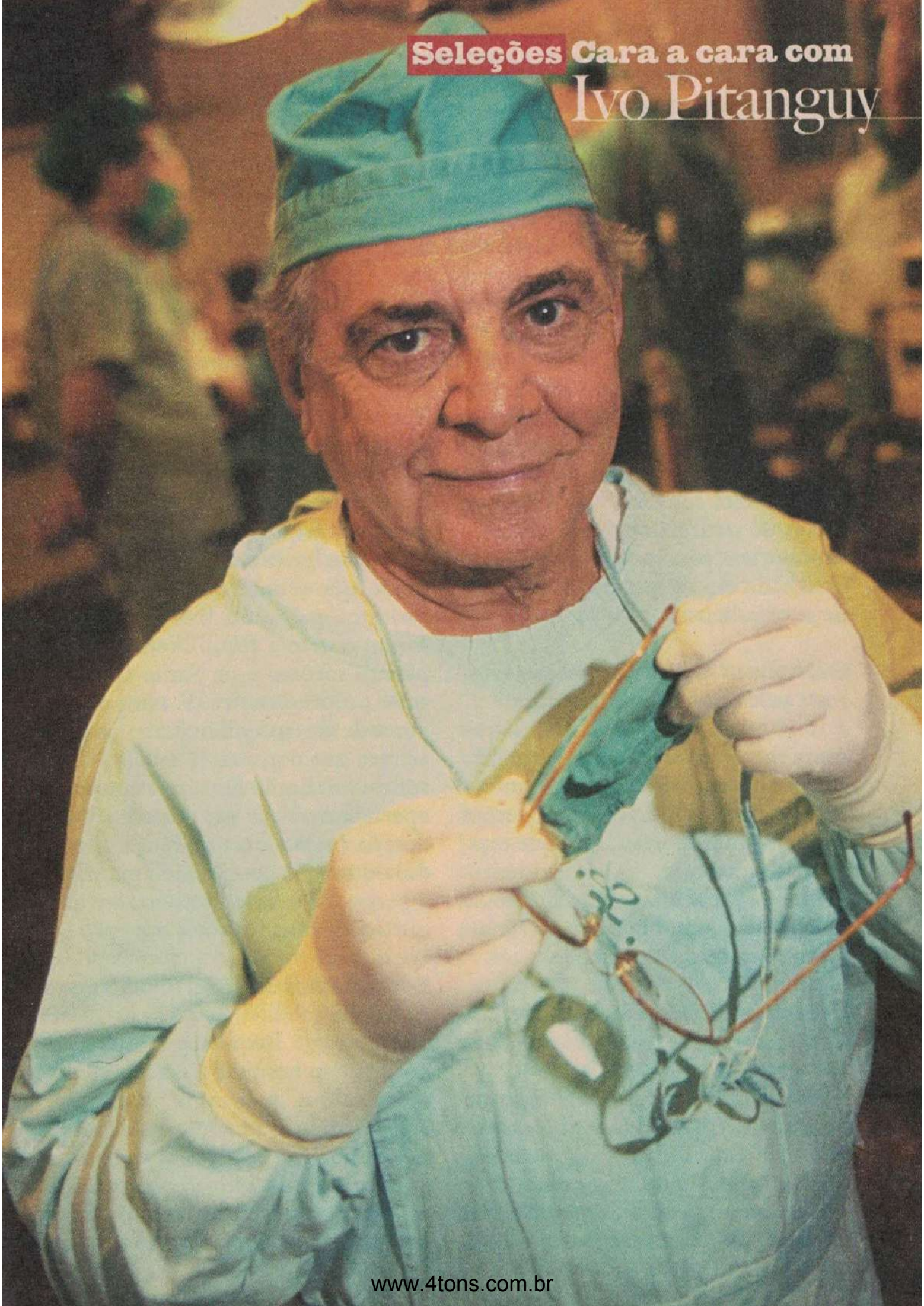
# Mãos mágicas

Conheça o fascínio que envolve  
nosso mais famoso cirurgião

**“E** NTREM, ENTREM”, convida ele, chamando-nos para uma enorme sala de reunião. Não podemos ver-lhe o rosto, pois ele está concentrado nas imagens que aparecem na tela de seu computador. Só quando diz algo em alemão é que percebemos que as pessoas sentadas à sua volta são, na verdade, jovens médicos estrangeiros. Ficamos ali calados, pouco à vontade. Imagens de todo tipo de deformidade humana aparecem no monitor. Sua assistente nos informa, sussurrando, que ele está preparando



**Seleções Cara a cara com**  
**Ivo Pitanguy**





uma apresentação para uma palestra importante que vai fazer amanhã.

“Estou terminando”, diz, voltando pela primeira vez os olhos para nós. Sentimo-nos como pacientes, observados atentamente pelo mestre da cirurgia plástica.

Incansável. Se tivermos de escolher um adjetivo para o Dr. Ivo Pitanguy, será esse. Depois de dignificar a cirurgia plástica no Brasil e no exterior, aos 75 anos Ivo Pitanguy continua a ser uma referência mundial, tanto para médicos quanto para leigos. Nesta conversa com Seleções, o famoso cirurgião plástico nos conta sobre sua paixão pelo trabalho do qual cada um de nós, brasileiros, pode se orgulhar.

**Seleções:** Como surgiu seu interesse pela cirurgia plástica?

**Pitanguy:** Uma das coisas que mais me impressionavam quando comecei a trabalhar no pronto-socorro eram as pessoas com lesões que não eram mortais, mas que estavam deformadas. Elas evidentemente não se sentiam bem diante da própria imagem. Na época havia sobretudo casos de navalhadas.

**Seleções:** Então a sua grande inspiração foram os pacientes do pronto-socorro?

**Pitanguy:** Essas pessoas é que me fizeram ver que algo tinha de ser feito por elas. Porque, no meio daquele hospital todo, só os casos dramaticamente graves despertavam o interesse dos médicos. Percebi que,

se eu apenas as curasse e não permitisse que tivessem um aspecto social agradável, a deformidade as afastaria do seu meio. Minha função passou a ser diminuir o impacto da deformidade.

**Seleções:** Nessa época já havia a preocupação com a imagem?

**Pitanguy:** Há uns 30, 40 anos, a função do médico era salvar vidas. Pensava-se pouco no aspecto físico, ou seja, na imagem. A maior parte das pessoas não via que uma cicatriz pode perpetuar um momento desagradável. E na área em que eu trabalhava não havia nenhum colega, ninguém que se interessasse tanto pelo assunto; assim, eu tive um campo muito aberto e fértil. No tempo do pronto-socorro e na Santa Casa fui meu próprio mestre. E sempre tive vontade de aprender mais, porque achava que o que eu já sabia não era suficiente. Então fiz vários cursos de aperfeiçoamento nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França. À medida que eu ia aprendendo me vinha a pergunta: se isso é importante, por que não transmiti-lo aos outros?

**Seleções:** E como foi divulgar esse trabalho?

**Pitanguy:** Eu andava muito de hospital em hospital, nas especialidades paralelas. A cirurgia plástica, sobretudo a reparadora, serve a muitas especialidades. Se alguém tiver uma fratura e o osso estiver exposto, não vai sarar nunca... Você tem de fazer um retalho, de um lado para o outro,



“Não tive medo de criar concorrentes, pois o que de fato faz uma clientela é a propaganda boca a boca.”

cobrir... Ninguém sabia fazer isso direito. Havia alguns cirurgiões estéticos no Brasil, mas um pouco dispersos, um aqui, outro lá. Trabalhavam muito isolados – embora trabalhassem direito – e não estavam difundindo o que faziam. Eu procurei mostrar que a cirurgia estética é uma cirurgia como qualquer outra e tentei aproximá-la da cirurgia reparadora, pois as duas se “casam”.

**Seleções:** De que modo isso foi feito?

**Pitanguy:** Criei uma escola, uma idéia que surgiu a partir da dificuldade que tive para aprender. Eu tinha um lado acadêmico muito forte e uma vontade imensa de transmitir meus conhecimentos. Desde a época da Santa Casa algumas pessoas me seguiam, porque tinham ouvido dizer que eu sabia fazer cirurgia plástica – exatamente o que fiz quando segui os médicos estrangeiros. Com essa escola a classe médica podia participar do que eu fazia. O importante é a seqüência, é a continuidade.

**Seleções:** O senhor não estaria criando concorrentes assim?

**Pitanguy:** Pelo contrário. Eu não os via como concorrentes; eram pessoas que iam alertar os outros médi-

cos para a especialidade e cuidar das pessoas que eu não podia atender. Procurei ensinar cirurgia – não só reparadora como também estética – de uma forma aberta e ampla. Na verdade, abri minha intimidade para difundir aquilo em que eu acreditava. Não tinha medo de criar concorrentes, pois o que de fato faz uma clientela e um nome é a propaganda boca a boca, é o que você faz de bom. E foi isso que aconteceu comigo.

**Seleções:** O que mudou, fundamentalmente, do início da sua carreira até os dias de hoje?

**Pitanguy:** Existe uma evolução no conhecimento da própria cirurgia. Muito do que faço hoje eu não sabia fazer no princípio, como os fatores cutâneos e outras técnicas para melhorar a cicatriz. Atualmente a população sabe que pode contar com certos recursos que antes não existiam. Além disso, dentro da comunidade médica a cirurgia plástica é mais aceita também. Hoje você sabe a respeito de clones que um cientista e um professor de fisiologia nem sonhavam conhecer antigamente, os desenhos já vêm no computador.

**Seleções:** O que o senhor acha que o diferenciou dos outros espe-





**Uma vida rica** – No alto, à esquerda, como enredo de 1999 da Caprichosos de Pilares; no consultório de sua clínica de Botafogo; o ocupante da cadeira nº 22 da Academia Brasileira de Letras; abaixo, em cirurgia com seus médicos residentes.





cialistas, tanto do Brasil quanto do exterior?

**Pitanguy:** É importante ter técnicas, princípios. Tive o bom senso e a sorte de criar algumas técnicas que são empregadas até hoje. Essas técnicas, suas interpretações e conceituações podem diferenciar um profissional. Desenvolvi procedimentos que deram resultados e foram aceitos. Por isso as pessoas têm confiança em mim.

**Seleções:** O senhor se recorda de algum caso que tenha sido especialmente emocionante?

**Pitanguy:** Tenho muitos casos interessantes. Mas os que mais tocam a gente são os garotos que vêm do exterior, muitas vezes enviados pela Cruz Vermelha, em geral vítimas de queimaduras. Eles representam muito bem o que é a cirurgia plástica. Conhecem a realidade: não estão esperando um milagre. Realmente são pacientes bons de lidar. É diferente de tratar uma pessoa que não tem uma visão muito real e quer demais. Nos garotos temos de corrigir primeiro a parte funcional aguda, a estrutural. Mas depois chega um momento em que eles têm várias cicatrizes. Não estão de todo normais, mas querem se aproximar da normalidade. Nessa fase entram os nossos conhecimentos de cirurgia estética – e a observação que os pacientes fazem da própria imagem ajuda muito o trabalho. Eu pergunto: “O que você gostaria de fazer agora? O que está incomodando mais?” E eles respondem: “Olha, eu

não gosto muito dessa orelha aqui, dá para melhorar um pouco? E esse lado do nariz...”

**Seleções:** O senhor realmente ama seu trabalho...

**Pitanguy:** Poder se afastar um pouco do que você faz é o que lhe dá força para fazer seu trabalho com amor. Além de praticar esportes, a vida inteira gostei muito de ler; nos momentos de descanso, estou sempre lendo algum livro. Tenho a impressão de que eu soube viver com intensidade e com enorme sacrifício – pessoal e da minha família –, 24 horas por dia, um sonho que eu continuo a viver. É um fato. Na vida, não há outro caminho.

**Seleções:** E como alguém se torna referência mundial em cirurgia plástica?

**Pitanguy:** Muita determinação, disciplina, muito sacrifício, mas sobretudo entusiasmo. A disciplina eu comecei a adquirir com o esporte, na época em que morava em Belo Horizonte. Praticava natação, vôlei, tênis e outros esportes. O esporte dá modéstia, dá humildade, você aprende a perder. Mas sempre tive muita noção do tempo para praticar esportes e estudar ao mesmo tempo. Quando era garoto, eu não ia à festinha à noite para poder nadar. E, quando eu ia à festa, percebia que meu tempo era pior no dia seguinte. Sem querer, você vai aprendendo a ter autodisciplina. É o que funciona. ■



# Entre Aspas

No fim, é a paixão – e não o sobrenome – que vence.

–JON BON JOVI

Aos 18 anos, o homem não sabe dizer bom-dia a uma mulher. Todo homem devia nascer com 35 anos feitos.

–NELSON RODRIGUES,  
citado por ROBERTO DUAILIBI  
em *Duailibi das citações* (Editora Mandarim)

As pessoas sempre dizem que você teve sorte quando age com mais sensatez do que elas.

–ANNE TYLER,  
*Celestial navigation* (Knopf)

Quando não se pode voltar, só devemos ficar preocupados com a melhor maneira de seguir em frente.

–PAULO COELHO, *O Alquimista* (Rocco)

Churrasco é um negócio que nos permite comer lingüiça crua com dedos bem passados.

–COLUCHE, *Et vous trouvez ça drôle?*  
(*Le cherche midi éditeur, Paris*)

**O homem só entende realmente a paternidade quando vira avô.**

–LAIR RIBEIRO,  
“*Alternativa Saúde*” (GNT, Globosat)

## Quem disse?

*Impondo, você não consegue nada de um grupo. É preciso convencê-lo de que a sua estratégia é a melhor.*

- a) Abílio Diniz
- b) Bernardinho
- c) Luiz Felipe Scolari
- d) Mario Covas

–VEJA A RESPOSTA ABAIXO

b) Bernardinho, na *Trip*

A maioria das pessoas pára de ouvir muito antes de perder a audição.

–De uma tese de

B.R.K. BOUMA, citado por  
L. DE BRUIJN (*Blokker, Holanda*)

Quem é perfeccionista e exigente demais acaba construindo a vida com sonhos frustrados porque não se conforma em realizá-los no plano da realidade imperfeita.

–MARIA TEREZA MALDONADO,  
*Lições de vida para maiores de 50* (Ediouro)